A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 78 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Dois bons portuguesês

O cavalo "Roussi" e o seu cavaleiro tenente Ivens Ferraz, o glorioso vencedor do Concurso Hipico.

Clichás Raul Reis

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 11 DE JULHO DE 1926 — N.º 78

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 831 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

«O Estado é muito rico . . .»

Quem escreve estas linhas foi no domingo passado engraxar tranquilamente as botas aos engraxadores da arcada do Terreiro do Paço. A ala dos ministerios estava deserta. Apenas o automovel do sr. ministro da Justiça repousava, á espera que o seu detentor acabase de trabalhar—porque os ministros agora tambem trabalham ao domingo.

E a pessoa que escreve viu então esta scena edificante: O «chauffeur» do carro ministerial tirou do mesmo um grande frasco de gazolina e rapidamente, precipitadamente, porque o ministro descia já a escadaria, passou-o para as mãos dum homensinho gordo, de casaco de alpaca e calças de kaki. O dito homensinho veio por sua vez dar o frasco a guardar ao engraxador.

Inquirimos:—Com que então, gazolina do Estado, hein?—O engraxador nem olhou para nós e continuando a puxar lustro, respondeu com a maior naturalidade: — Hoje foi muito pouca...

—Mas é um roubo descarado, objectamos. Quem é aquele homem?

—Um empregado dos electricos, respondeu o engraxador. Mas o Estado é muito rico!

Como scena edificante, nas bochechas do sr. ministro da Justiça, e entre um empregado da fatigerada Carris e um «chauffeur» do Estado—achamos bem.

A nova Camara, o povo e a Carris

E' preciso que a nova Camara encare a serio a burla de que está sendo vitima o publico, pelo exorbitantissimo preço dos bilhetes que a Carris de Ferro lhe cobra, á sombra duma autorisação, muito duvidosa sob o ponto de vista juridico, e que fez entrar nos cofres da mesma muitos milhares de contos, que ela fez sumir, sem sequer dar o dividendo aos accionistas portuguêses.

Com a libra a 150 escudos a Carris levava o mesmo que com a libra a 95! Que faz a Camara? Tem medo do papão inglês de Santo Amaro?

Antigamente eram, dizia-se, os politicos vendidos.

E agora, vendem-se tambem as fardas?

O que é absolutamente preciso é que o povo não pague.

Que a Carris ponha, como é do contracto, as carreiras populares para o operariado.

Que faça circular o material a que é obrigada pela força das circunstancias e não ameace com a retirada dos carros, sob pena de ser ela propria «retirada». Que reduza, como é seu extrito dever, o preço dos bilhetes de 20 %, pelo menos. São ás dezenas as cartas que nos chegam dos nossos leitores de Lisboa, apoiando a defeza do publico—eterna vitima da incuria e da roubalheira.

A MODA

—Joaquina, calculo que não vaes tambem cortar o cabelo á «garçonne», não é verdade?

Má lingua

MACAQUICES

Era uma vez um bando de macacos
de genio fluctuante e folgazão
que, juntando seus fortes e seus fracos
resolveram fundar uma Nação.

Fundar? Não digo bem. (E' que a poesia
para os termos precisos não se presta.)
Claro está que uma tal macacaria
não podia fundar... uma floresta.

E uma floresta linda!... Moitas densas,
caminhos brancos, fontes murmurosas,
clareiras vastas, solidões immensas,
musgo, sombra, perfume, pedras, rosas...

Arvores altas, altas, tão erguidas
para o céu alto em contorsões estranhas,
que attrahiam as aguias distrahidas
como se fossem cimos de montanhas...

Pois foi ahi que o bando folgazão
depois de espreitadêlas indiscretas
prendeu a sua vasta associação
com grande foguetcio de carêtas;

e ahi os vimos muito alopardados
com lustrosa pellagem cor de alpaca;
e no correr dos lustros já dobados
quanto proliferou tanta macaca!

Este, no ramo a que ascendeu de um pincho
como poleiro para seu regalo,
modula em sol ao fifias do seu guincho
e quer que o oiçam a cantar de gallo.

Aquelle, com um fémur de pardóca,
diverte-se a escrever lauda opoz laudo;
e mostra uma vaidade que o sufföca
por ter gilletizado a propria cauda.

Outro, com um capello de nabiços
proclama de um coqueiro a Nova Ideia;
—se desce, como em busca de outras liças,
ceifa com quatro mãos a seàra alheia.

Mais para além, numa macieira «ginja»
um gordo e cabelludo figurão
mata a fóme sem freio que o restrinja,
dando massagens na maçã de Adão.

Lá de onde em onde, uns berros, um conflicto
por causa de banana mais choruda...
Depois, um pulo, uma gaifona, um grito,
e tudo volta ao que já não se muda

Eram os acrobatas mais eximios
os magnates mais dignos de menção;
os que reinavam sobre os outros simios
na mais destemperada reinação.

Mas um dia, no meio desse brodio,
na margem de um rio crystalino,
ergueu-se um berro fero a arder em odio
que era tal qual um brado leonino...

Bichos «que o som terribil escutaram»
soffreram seus desmandos linguareiros...
E ou pávidos de horror se acocoraram
ou treparam malucos aos pinheiros.

Mas depois, com rodeios e cautélas,
a esta grande esperança se cingiram:
—deitar gatos nos cacos das gan élas
que na atrapalhação se lhes partiram.

Alguns, porém, coçando o tornezélo
pensam, a rebuscar um ponto fraco:
—Um leão? Talvez possamos convertel-o...
Um leão? Dava talvez um bom macaco?...

Oxalá falhe a tentativa ingloria
de mil macacos deturpando um grito.
Mas não chamem absurda a minha historia
—que talvez Kipling já tivesse escripto...

TAÇO

questão prévia

DEVE ser nesta altura do ano que mais se faz sentir a responsabilidade de ter filhos, não daqueles louros e ingenuos a quem no ultimo Natal foi facil convencer a aceitar um carro de bois em vez do apetecido automovel, com o pretexto de que o Menino Jesus detesta o cheiro da gazolina, mas dos outros, os que já sabem que por alguma rasão a gramatica creou dois generos, ignorando, aliás, muitas outras coisas precisas.

Um filho de calção ou uma filha já de saia curta devem ser, qualquer deles ou os dois juntos, neste tempo de colicas e de exames, uma tremenda preocupação. E insisto no «devem ser», porque careço absolutamente de experiencia pessoal, não me tendo o Destino, ou lá quem quer que é que superintende nestas coisas, confiado a missão que vai a D. Sancho I o tão justo cognome de «O Povoador».

E', portanto, pensando nos outros e espreitando na face alheia a paterna angustia do meu semelhante que tem meninos ou meninas na iminencia de comparecerem perante um juri de professores que bocejam, que eu traço esta cronica, em que talvez perpasse a evocação de já longinquas colicas sofridas como filho e em que não ha sequer vislumbres das amarguras das como pai.

* *
*

O exame, neste país de tradições inquisitoriais, parece-se imenso com um interrogatorio de tribunal, só com a diferença de que, no exame, quem pergunta é que faz cara de reu e quem responde mostra, em regra, uma tão grande inocencia, que por vezes ignora por completo tudo o que lhe estão perguntando.

Alem desta bem vincada caracteristica judicial, o exame reverte tambem para os nossos habitos um aspecto de jogo de azar, especie de loteria da Misericordia em que pais e filhos se habilitam á sorte. Diz-se, frequentemente:

—O meu pequeno saíu mal no exame.

Uma reprovação, como o mesmo dinheiro ou a «taluda», é uma coisa que «sai», uma sorte, um acaso. A aprovação participa da mesma natureza do acaso, mas é sempre condicionada pelas faculdades excepcionais de inteligencia e trabalho, que as familias atribuem aos examinadores.

—O pequeno saíu bem no exame, mas foi sem favor, porque fez uma linda figura.

A's vezes—quantas vezes!—quem fez uma linda figura foi o pai, andando de amigo em amigo a solicitar um baralho de cartas de recomendação—para salvar o rapaz!

Acontece numerosas vezes a esperança da familia aluir numa reprovação indecorosa: a menina chumbada em solfejo e rudimentos, ela que, para enlevo das visitas, já vianadamontava coisas dificeis no piano domestico, e estatelado ao comprido no exame de admissão aos liceus o jovem prodigio, tão habilidoso para o desenho e propenso ás letras, que já tivera publicadas no «Noticias Miudinho» um homem a fumar cachimbo, feito dum só traço, e a historia duma velhinha que encontrou na rua um menino a puxar o rabo ao gato e que, afinal, era Nossa Senhora (a velhinha e não o gato, é claro).

As primeiras horas são de desanimo, decepção e reprimenda. Parece impossivel, a Mimi deixar-se reprovar em rudimentos, uma coisa absolutamente rudimentar. O papá nem quere ouvir falar no Zéca, uma criança inteligente, como tem dado tantas provas, que não acertou uma em historia e geografia. O examinador de historia a perguntar como se dividiam os reis e ele a responder que era em centavos. O homem, que estava bem apertado com pedidos, a querer ajudar, dando a «deixa»:

—Então... Vamos... a historia divide os reis em dina... Diga, diga! Em dina... dina...

E o Zéca, com uma palmada na testa, como quem acaba de descobrir a polvora:

—Em dinamite!

E para isto se sacrificam um pai e uma mãe! E sem falar que foi preciso fazer fato ao pequeno e um vestido e chapeu á pequena, para irem decentes ao exame. E perante estas rajadas de recriminações, á mesa ninguem come, com o desgosto, excepto os pequenos, a quem as censuras aumentam o apetite.

Dois dias passados sobre o fiasco, porem, já os pais regressavam ao culto da inteligencia e da habilidade dos filhos e tudo são desculpas e justificações dos «chumbos», aliviando as «pobres crianças», para carregar nas «bestas dos examinadores».

—Imagina tu—explica o papá á mamã—que no exame perguntaram ao nosso Zéquinha, uma criança que ainda não sabe nada de politica, quais eram os «influentes» da margem esquerda do Tejo!...

ECOS

Alegria selvagem

Um dos sintomas alarmantes da nossa barbarie primitiva é o «estalo» de Santo Antonio. Entendemos o goso da liberdade pelo direito de não pensarmos senão em nós proprios—e assim, sem cuidarmos que num aglomerado de habitações como Lisboa, a grande maioria se não preocupa a glorificar com a queima de polvora uma tradição simplesmente pitoresca, alarmamos e incomodamos doentes e sãos, a quem o barulho ensurdecedor das bombas e dos estampidos irrita e magôa.

Seria muito bem aceita a proibição absoluta da queima de petardos a proposito seja do que fôr, na area habitada da cidade. Que pense nisso o sr. governador civil—que tem boas intenções.

O espirito dos nossos leitores

No nosso ultimo numero, no admiravel conto do nosso colaborador o «Reporter Misterio», «Flôres da Valeta» uma gralha transformou a edade duma personagem, que aparece com duas edades. Um nosso leitor, espirituoso, manda-nos o seguinte gracioso dialogo, que agradecemos:

O FILHO—Oh! Papá, como é que a Rita das Melenas no principio do conto Flores da Valeta—tem 16 anos e no fim tem só 13?

O PAI—Tu não vês que as mulheres não fazem anos, desfazem-nos!

AMIGOS...

—Queres almoçar comigo?
—Pois não, com todo o prazer...
—Então fazes favor mandas dizer á tua mulher que ponha um talher mais...

O DOMINGO ilustrado

Humorismo

crónica alegre

UM HOMEM DE BEM

FALECEU em Nancy o farmaceutico Coué. Ha certamente em Lisboa quem se recorde da visita que nos fez esse homem ha anos e das suas conferencias em S. Carlos, das quais eu tomei o encargo de traduzir uma para o publico. O jornal que lhe anunciava a vinda chamava-lhe o «milagreiro» e, por isso, Coué, emquanto esteve em Lisboa, foi perseguido por uma chusma de aleijados, de paraliticos parciais, de cancerosos, de infelizes abandonados por todas as sciencias.

Ora Coué era simplesmente um apologista e um preconisador da auto-sugestão. Dizia êle, em sumula do seu sistema:—«Se todas as manhãs ao acordar ou todas as noites ao deitar, um doente disser a si proprio com convicção: «Isto hoje vae melhor!», se insistir, se persistir, ha muitas probabilidades, em variadissimos casos de doença, de se manifestarem e acentuarem as melhoras que o padecente a si próprio anuncia.»

Não vão cuidar que Coué era um ignorante ou um ignorado. Era uma pessoa muito inteligente e, de Nancy, a sua fama chegou a atravessar Oceanos. O que começou a celebrisá-lo foi a cura da mulher do almirante. Havia um almirante inglez casado com uma senhora que chorava a toda a hora e a todo o momento. Era uma neurastenia especial e o pobre almirante passeiava pelo mundo aquela mulher sempre lavada em lagrimas. Por um acaso encontraram-se com Coué, este deu uns conselhos á senhora e, daí a tempos, ela estava absolutamente normal. Na sociedade inglêsa correu a voz:—«A mulher do almirante já não chora». Tudo quiz saber o como e o porquê. Coué foi procuradissimo em Nancy e até na America, que êle mais tarde visitou varias vêzes, o seu nome e o seu sistêma foram citados.

No fundo, a doutrina que Coué aconselhava é velha como o mundo: é a do optimismo. Se todos nós, cada noite ao deitarmos contas á nossa vida, conseguirmos dizer com certa convicção:—«Isto hoje correu muito melhor» ou «Isto hoje foi mal, mas podia ser bastante peor» ou «Não andei hoje com muita sorte, mas Fulano ainda teve muito mênos...» a porca da vida, a que Camilo chamava «retorcidissimo chavêlho» talvez nos custasse mênos a aturar.

O peor é que, por um optimista que sorri e se conforma, ha noventa e nove pessimistas que caminham de sobrecênho carregado e não concordam com cousa nenhuma.

Coué, prégando o optimismo, procurando levantar energias desfalecidas, dar corpo a ligeiras esperanças e acender nos miolos do proximo a lamparina da fé, foi um homem de bem. Paz á sua alma. Se ha ceu, não deixou de ir para ele e aí decerto êle terá dito com absoluta rasão: «Isto hoje vae muito melhor.»

PLANOS FINANCEIROS

Expuz ha dias, a uma mêsa de café, o meu plano financeiro. Obteve um grande exito e o numeroso amigo que me servia de auditorio ficou fazendo os mais ardentes votos para que eu seja chamado a gerir a pasta das finanças. O meu plano é simples e infalivel. Trata-se simplesmente de aplicar o suéco surdo-mudo ao tesouro lusitano.

V. Ex.as não compreendem? Não admira, porque não se têm dedicado a estes assuntos como eu.

Se eu fosse ministro das finanças, mandava vir da Suécia um surdo-mudo e nomeava-o meu director geral. Dava-lhe todos os orçamentos para rever, indicava-lhe as receitas garantidas e o *deficit* a eliminar. Deixava-o depois trabalhar á vontade. Aos que me procurassem para me massar, mandava-os para o suéco. Este, como qualquer suéco, não falaria português. Aos que aprendessem o suéco para o enternecer responderia com a sua surda-mudez. A' porta do seu gabinete estaria pendurado um aviso proibindo a entrega de cartas, exposições, ou reclamações por escrito.

Estão vendo o camarada suéco a trabalhar:—«Neste ministerio só ha logar para *X* funcionarios. Corto seis mil que estão a mais» Os clamores seriam tremendos. O suéco não entenderia nenhum e caminharia tranquilamente cortando sem dó nem piedade, até equilibrar a receita com a despesa ou, por outra, até encontrar um *superavit*, pois não seria mau que, depois de arrumar a casa, pagassemos as nossas dividas.

Não quero dizer que só o suéco nos pode salvar. O esquimó tambem é muito recomendavel.

Calculo que alguns patriotas não deixarão de ver nas linhas antecedentes uma encapotada e favoravel opinião acerca da administração estrangeira. Longe de mim tal ideia! O guarda livros—é dum guarda livros, afinal, que se trata — seria nosso salariado. Seriamos seus patrões e aproveitariamos o êle não perceber o português para lhe chamarmos todos os nomes feios que o seu trabalho honrado havia de inspirar decerto.

AS NOSSAS INIMIGAS

São, escusado será dizê-lo, as creadas de servir.

Ha dias uma patroa indagava exaltadissima:

—Vocemecê não me dirá por que rasão, cada vez que venho á cosinha, a encontro sempre sentada a olhar para as moscas?

—E' por causa da alcatifa do corredor que não deixa ouvir os sapatos da senhora...

* *

UM PROVERBIO ARABE

A um cão que tem dinheiro toda a gente diz:

—«Como está V. Ex.a, snr. cão?...»

ANDRÉ BRUN

NO RETRATISTA

—O senhor artista faz-me um favor, vae fazer um retrato muito bonito de minha mulher, sim?
—Desde que V. Ex.a não faça questão de parecença...

O QUERIDO TIO GUSTAVO—livro para crianças, por Maria Francisca Tereza.

A escritora madeirense que assina este livro de leitura para crianças deve e pode orgulhar-se de ter produzido uma obra absolutamente perfeita, dentro do espírito a que obedece. Não me recordo de ter lido, nêstes ultimos anos, um livro que mais impunemente, mais eficazmente, possa ser folheado por mãos inocentes. A suprema intenção que deve presidir a tôda a obra de literatura infantil—a intenção de moralisar, de educar e de instruir—é muito inteligentemente conseguida, não só pelo cuidado em não forçar a nota didactica como pela escolha da forma dialogada e pela variedade dos contos—uns originais outros adapiados—que veem aligeirar a acção, nela se integrando com a maior naturalidade.

O «Querido Tio Gustavo» é um digno sucessor dos afamados volumes da condessa de Ségur, que constituiram a risonha «Bibliothéque Rose», de saudosa memória. A grande especialista francesa da literatura infantil, a imaginosa autora dos «Desastres de Sofia», só deveria honrar-se com a autoria dum livro como este que é subscrito por um nome tão injustamente ignorado.

Sentindo bem a insignificância, o nulo valor do meu incondicional elogio e da afirmação de quanto me foi agradável o *descobrimento* inesperado dum tão completo temperamento de escritora infantil, sinto-me feliz, comtudo, por ter ensejo para felicitar a ilustre senhora madeirense, que tão magnificamente enriqueceu as estantes pobrezinhas das crianças portuguesas.

Tereza LEITÃO DE BARROS

NO PROXIMO NUMERO

NOVELA COMICA

UMA GRANDE INVENÇÃO

DE

AUGUSTO CUNHA

ATRAZO

—Que massada, não lhe posso tomar o pulso!... Tenho o relogio atrazado 5 minutos...

Curiosidades

PARIS-PEKIM, NUMA SEMANA

O célebre aviador francês Pelletier Doisy acaba de bater um «récord» aéreo dos mais notáveis: tendo partido de Paris na 6.ª feira 11 de Junho, às 9 h. e 10 minutos, chegou a Pekim na 6.ª feira 18 de Junho, ás 10 horas. Utilisou-se dum Breguet 19, de serie, com motor Lorraine 450 C. V. Percorreu 10.500 quilometros, á razão de 1.500 quilometros por dia, e em 68 horas de vôo. As mais longas «étapes» foram Moscou-Kourgan (1.930 quil.) e Tchita-Moukden (2.000 quil.) A partida fez-se com tempo muito mau. O itinerário passava por Varsovia, Moscou, Kazan, Kourgan, Krasnoiarsk, Irkoutsk. Para fazer provisão de essência, o aviador foi obrigado a contornar o deserto de Gobi e a passar por Tchita e Moukden, o que representa um grande desvio de rota. Mas o facto é que, em sete dias, atingiu a fronteira da China, e todos sabem que pela linha de caminho de ferro mais rápida—o Transiberiano—se gastam quinze dias de viagem para ir de Paris a Moukden.

UM CONTRA-VENENO UNIVERSAL

Os japonezes costumam ingerir carvão quando correm perigo do envenenamento, estando mesmo regulamentado, no exército, o modo do emprêgo e as dóses que se podem tomar em determinados casos. Há bastantes anos, o Dr. Thonéry fez uma comunicação á Academia de Medicina de Paris, sob o emprego do carvão vegetal como contra-veneno universal; na presença de muitos medicos, Thonéry ingeriu, sem sentir o menor incomodo, uma mistura de carvão em pó e de estriquinina, sendo esta em dose suficiente para fulminar um homem. A revista «L'Apiculteur» refere que, em Toulouse, quinze pessoas da mesma casa estavam envenenadas com cogumelos, sendo chamado o Dr. Secheyrou, neto de Thonéry, que fez beber aos doentes agua com pó de carvão. Em poucos minutos cessaram as cólicas e no dia seguinte a cura era completa. A aplicação data de 1829, quando Thonéry fez as primeiras experiências.

DIVÓRCIOS NA AMERICA

Durante o ano de 1924 houve nos Estados Unidos 170.867 divórcios, sendo o Estado de Nova-York o que maior percentagem trouxe para esta «linda» soma. Só nêsse Estado houve 106.312 casos! Em compensação, no de Carolina do Sul não houve nem um só divórcio, em todo o ano.

UM RELÓGIO DE PALHA

Numa relojoaria de Londres esteve exposto, recentemente, um relógio verdadeiramente original. Trata-se dum relógio todo de palha, em cujo fabrico o seu autor gastou o melhor de dezasete anos, maravilhoso esfôrço de experiência e de tenacidade, que bem podia ser empregada em qualquer fim util ao progresso da humanidade.

A RAINHA SANTA IZABEL

ACABA de se extinguir, em Coimbra, o último eco dos foguetes e estrondos com que o povo festeja a sua Rainha Santa. A última semana foi a grande semana de Coimbra, a semana em que a cidade dos doutores vive as suas grandes horas de balburdia e de animação. Os estudantes, que são a alma e o corpo da cidade, passam para segundo plano; o pesadelo dos actos, que estão á porta, que estão já mesmo dentro de casa, é momentaneamente esquecido, e Coimbra—estudantes, futricas, lentes e tricanas—vai para as ruas esperar que passe aquele sorriso manso e doce da imagem veneranda.

Já lá vai o melhor de quinhentos e noventa anos desde que, num dia 4 de Julho, morreu em Extremoz, alva vila alentejana, uma rainha de Portugal, chamada Izabel de Aragão, filha do rei Pedro de Aragão e esposa de D. Denís, aquele rei trovador que «honrou as musas, poetou e leu», como disse o poeta.

Pedida em casamento pelos príncipes herdeiros de França e de Inglaterra, e pelo próprio imperador de Constantinopla, Izabel de Aragão veiu parar a um trono mais humilde mas não menos glorioso, ao dum paiz onde reinaria por tôda a Eternidade o onde um povo sentimental e crente, dando-lhe por seguro trono o seu próprio coração, a passearia sôbre um andor, durante séculos e séculos, pelas ruas duma velha e douta cidade.

Ao entrar noiva em Portugal, Izabel de Aragão recebeu maiores arrhas ou bens dotais do que nenhuma outra das nossas rainhas; seu marido doou-lhe as vilas de Obidos, Abrantes e Porto de Moz, além da de Trancoso, que foi o presente que lhe deu por ocasião do seu casamento, o qual se realizou a 24 de Junho do ano de 1282.

Rezam crónicas fieis que a missão de D. Izabel, em Portugal, foi sempre a de aplacar discórdias e amansar ódios ferinos. Foi graças á sua intervenção que D. Denís fez as pazes com seu irmão Afonso Sanches. Com resignação de santa sofreu tôdas as infidelidades conjugais de seu marido e acolheu com extremos de bondade os bastardos reais. Em 1319, quando rebentou a guerra entre D. Denís e seu filho D. Afonso, a rainha procurou a todo o transe evitar a difusão de sangue, e montada na sua burrinha branca andou de Alenquer (onde estava exilada) para Guimarães e daqui para Coimbra, procurando falar ao marido e ao filho. Mais tarde, em 1323, quando o combate entre os dois partidos estava iminente e os exercitos inimigos se encontravam frente a frente, no Campo de Alvalade, a sua intervenção e uma sua arenga ao filho rebelde conseguiram evitar o sacrílego combate. Depois da morte de D. Denís, a quem sobreviveu onze anos, a Rainha D. Izabel viveu sempre muito recolhida. Residiu algum tempo no mosteiro de Odivelas, que seu marido fundara e onde fora enterrado; em seguida, foi, em romaria, a S. Tiago de Compostela e, depois de regressar a Odivelas, para celebrar o aniversário da morte de D. Denís, retirou-se para o convento de Santa Clara, de Coimbra, de sua fundação, onde tomou o hábito, sem comtudo chegar a professar, e onde passou o resto da sua vida, entregue a exercicios e obras de piedade. De Santa Clara só saiu para ir, mais uma vez, aplacar discórdias, que eram agora entre seu filho e o rei de Castela, seu neto, filho da infanta portuguesa D. Constança. Tomando o seu bordão de peregrina, D. Izabel dirigiu-se a Extremoz, onde se encontrava Afonso de Castela, mas as fadigas da viagem, realizada sob o escaldante sol de verão, provocaram a enfermidade de que veiu a falecer, na pitoresca vila alentejana.

O papel de medianeira da paz e a grande quantidade de obras piedosas que realisou levaram o povo a cognominá-la de santa, ainda em dias de sua vida, e a tecer á sua volta a mais doce e linda auréola lendária. Durante três seculos, Izabel de Aragão foi venerada como santa, em Portugal, sem que a Igreja a admitisse na lista das bemaventuradas, mas, finalmente, no dia 25 de Maio de 1625, o papa Urbano VIII canonizou-a solenemente, espalhando-se imediatamente o culto oficial da nova eleita de Deus. Sôbre a arca de pedra onde repousavam, no mosteiro de Santa Clara, os seus restos mortais, vieram orar plebeus, principes e os maiores doutores da Universidade; junto dêle, ajoelhou D. Sebastião, antes da fatal guerra de Africa. E' ao culto duma rainha artista, a Senhora D. Amélia, que se deve a lindíssima escultura de Teixeira Lopes que é a imagem da Santa. Nessa imagem, como em tôdas as outras que a representam, figura ela fazendo o milagre das rosas, que tanto os hagiógrafos do século XVI como eruditos de hoje consideram como interpolação popular, mas, que, apezar de apócrifo, tão bem fala á alma portuguesa. E' esse o milagre cantado nos velhos romances que põem a Rainha a falar, trémula, diante do seu senhor e rei, abrindo timidamente o seu regaço florido. Na adaptação dêsse doce milagre á doce personalidade da Rainha Santa o povo deu a melhor prova da sua misteriosa intuição poética; em tôrno da Senhora, que pediu paz aos rudes cavaleiros medièvos e distribuiu amor e esmolas pelos miseros leprosos, criou uma auréola perfumada, onde era preciso que aparecessem rosas e onde surgisse a intervenção Divina favorecendo a boa rainha contra o rei desconfiado. Sem o milagre das rosas, a Rainha Santa seria uma grave e esquecida figura, ilustrando solenes páginas duma crónica velha; assim, é um sorriso de perdão e uma benção de amor, iluminando hoje e sempre a alma ingénua do povo e as ruas duma cidade em festa.

CRISE DE MARIDOS

O jornal «Answers», que se publica em Londres, dá, em duas linhas e sem comentarios, a seguinte assustadora informação: «Segundo estatísticas oficiais, há actualmente em Londres cêrca de 12.000 maridos dados por desaparecidos». Quere dizer: há 12.000 esposas que não sabem daqueles de quem juraram ser as companheiras inseparáveis. Dada a conhecida argúcia da policia inglesa, é caso para pensar êste desaparecimento de 12.000 homens Só se explica por uma questão de solidariedade: na polícia deve haver muito quem saiba o que é aturar uma mulher, sem vontade...

UMA TRADIÇÃO INGLESA

A princesa Maria da Inglaterra foi eleita para um alto posto honorário na associação dos fabricantes ingleses de leques. Os leques são atributos reais, como o provam os frescos egipcios e as culturas assírias. A associação inglêsa dos fabricantes de leques teve outróra o patrocínio da rainha Ana. Mais tarde, teve o da rainha Alexandra e o da rainha Mary.

CEM MILHÕES SOB O MAR

No dia 11 de Maio partiram de Brest os mergulhadores alemães, ou antes, os mergulhadores munidos de aparelhos alemães, que se propõem arrancar ao oceano o tesouro que ia a bordo do paquete inglês «Egipt», o qual se afundou no dia 20 de Maio de 1922, ao largo de Armen. Os mergulhadores estão esperançados em que, antes do outono, recuperarão o tesouro. No entanto, como ao largo do farol de Armen as correntes são duma terrivel violência, é provavel que esta corajosa iniciativa fique só como um testemunho de grande mas infrutífera coragem.

UMA DECISÃO SOVIÉTICA

As autoridades soviéticas decidiram organisar uma expedição para ir em busca dos tesouros de Alexandre, o Grande, e de Tamerlau. Essa expedição pesquizará os túmulos que conteem, segundo se diz, não só os tesouros que Alexandre escondeu durante a sua grande campanha, mas tambem riquezas fabulosas em ouro e pedras preciosas, que Tamerlau arrebatou ao sultão Bajajet, a quem venceu. E' possível que não fosse só o interêsse histórico que inspirasse esta resolução soviética e que os tesouros de Alexandre se possam admirar, ámanhã, nos palácios de alguns multi-milionários americanos...

OS GRANDES HOMENS E O VINHO

Napoleão preferia, entre todos os vinhos, o «Chambertin»; Pedro, o Grande, o Madeira; Talleyrand, o Chateau-Margaux; Humboldt, o Sauterne; Goethe, o Johannisberg; Lord Byron e Lord Wellington, o Porto; Francisco I, o Xerez; Henrique IV, o vinho de Suresnes; Victor Hugo, o Borgonha.

O DOMINGO ilustrado

A legislação teatral

O sr. dr. Ricardo Jorge, ex-ministro de instrução, nomeou uma comissão que vai unificar num diploma unico a nossa dispersa legislação sobre teatros.

Dela fazem parte pessoas cujo bom senso e cuja especial competencia no assunto são garantia de que alguma cousa de proveitoso sairá desta tentativa.

Cremos que não está na alçada da comissão nenhuma proposta no sentido da nacionalisação—que é preciso fazer *à outrance*—da literatura dramatica.

Apesar de o não estar, essa comissão, que tem o dever de trabalhar segundo o espirito nacionalista da Revolução, visto que mereceu a confiança dum ministro, podia sugerir a forma protecionista aos originais portugueses, cujo descredito tem sido feito por uma campanha verdadeiramente anti-patriotica.

Ao passo que todos os paizes se defendem com unhas e dentes do teatro estrangeiro, nós, entregues ao mercantilismo baixo da maioria dos empresarios, nada fazemos para estimular a produção nacional, creando no publico o desdem tarado pelo esforço dos poucos portugueses que se aventuram ainda ao «crime» de pretenderem fazer um teatro da sua terra para a sua gente.

As «premières» das obras nacionais são verdadeiras montarias, onde alguns idiotas sabichões dizem sentenças, comparando sempre a obra com o teatro estrangeiro e arredando logo toda a simpatia que devia existir para a obra feita por irmãos de raça e de sentimentos.

A correcção e educação dessa espectativa da parte do publico, e que é resultante de muitos anos de criminosa atitude critica da Imprensa e de verdadeiros atentados levados a efeito em muitos palcos, compete evidentemente ao Estado.

Ele tem que ser em ultima instancia o regulador desse desequilibrio desgraçado, desolador, do teatro português.

Sem o sonho utopico dum milhar de contos dados ao teatro português, que lhe creariam, embora merecidamente, uma situação de contraste com a miseria de outros organismos tambem importantes, ha muitas maneiras de fazer um diploma—urgente e justo—de proetcionismo á arte dramatica.

Já o sr. Ginestal Machado, em pleno governo constitucional, tentou essa orientação. Dela falam os premios aos originais portugueses, concedidos atravez uma simples inserção de verba orçamental.

Nós iriamos mais além. Procurariamos, ao descarregar os teatros dos impostos incomportaveis com que a torto e a direito os oneram, pedir-lhes a contribuição, que lhes seria simpatica, de fornecerem a produção nacional, com que, em ultima analise, elas proprios viriam a ganhar.

A verdade é que as peças de maior exito são ainda aquelas que feitas com tecnica segura—que só a sequencia de trabalho dá—representam tipos e costumes portuguêses, e fixam aspectos conhecidos e flagrantes ao publico.

E os grandes sucessos estrangeiros, que são em percentagem minima—são ainda aquelas peças adaptadas ou traduzidas, cuja acção e cuja linguagem se assimilam á nossa vida.

Por todas estas razões a comissão nomeada devia, no diploma que apresentar, francamente sugerir este espirito prosteccionista.

Cousas várias

A Autoridade exerceu censura sobre as revistas ultimamente estreadas. Não consente alusões politicas nem mesmo áquélas que tendem a glorificar o governo e a aprovar a sua acção.

No governo anterior havia um secretário do governador civil que cortava, de vez em quando, os ditos que não assentavam bem no seu democrático estômago. Agora não sei quem exerce essa delicada função de censor.

Sou dum tempo em que um tal Fernando de Lacerda, espírita de profissão e funcionario da Parreirinha nas horas vagas, comparecia a todos os ensaios geraes, se instalava numa frisa com um papel e um lapis e, no fim de cada acto, apresentava a lista dos córtes que o seu criterio indicava. Os autôres concertavam para o dia seguinte a revista e sempre tinham o recurso de, na altura dos tréchos mais semsaborões, dizerem aos amigos:

—Aqui havia uma scena excelente; mas a censura cortou.

Agora exercem-se as violencias censórias depois da peça estreada, correndo o risco de causar graves prejuisos ás emprêsas que tanto luctam para se defenderem.

* * *

Quer isto dizer que eu seja contra a Censura? Não. A Censura é um mal que entre nós se tornou necessário. Em teoria, é um crime abominavel contra a Liberdade de pensamento, etc. Na pratica, já que o publico e a critica não fazem justiça de certas idiotices com que alguns escrevinhadôres nos afligem, eu sou por uma censura, não tanto para julgar da conveniencia ou inconveniencia das atenções politicas, mas para avaliar a originalidade, o bom gosto, a decencia e até a gramatica das obras postas em scena.

Antes duma peça entrar em ensaios iria ser presente á tal censura. Esta diria: «Pode representar-se» ou «Isto não tem graça nenhuma», «E' tudo roubado d'aqui ou d'acolá», «Está cheio de grosserias», «Não está escrito em português» Os autores levariam a empada para casa e tratariam de emendar, se soubessem.

Acham V. Ex.as que isto seria uma violencia ignobil? Ora ainda haveis de suportar outras bem peores.

* * *

Creio que se avisinha a epoca oficial dos exames para externos no Conservatório. Sabido é que quem queira penetrar no templo de Talma tem de ir aos Caetanos mostrar as suas prendas.

Não estarei em Lisboa por esse tempo e lamento-o, pois, dada a matéria dos *pontos* que a varios candidatos têm saído, devem ser um curioso espectaculo esses exames.

Ha poucos mêses a uma discipula de revista deram dois sonêtos torcidissimos de Camões para recitar, uma das maiores scenas do *Frei Luiz de Sousa* para representar, a caracterisação da *Maria Parda* de Gil Vicente para estabelecer, um minuête para dançar e já me não lembra que mais...

Deve ser, como disse, interessante ver desgraçados pouco mais que analfabetos a braços com semelhantes exigencias.

Ao que parece, foi a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro que, em tempos, pediu que se exigisse um exame aos artistas estreantes, isto para evitar a invasão de certos indesejaveis. Ora, se todos os que se cobriram com a bandeira associativa nessa altura fossem sugeitos a provas como as que o Conservatório exige, quantos ficariam habilitados a requerer licença?

Vão lá buscar esses tresentos desempregados de que falam as gazêtas e ponham-nos a interpretar Garrett, Camões, etc. Veremos depois.

A. B.

S. Luiz — Fechado temporariamente.

Gymnasio — Fechado temporariamente.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — A peça «Leão da Estrela».

Nacional — Brevemente: Stichini-Azevedo.

Trindade — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga «O Patriota». Grande sucesso.

Apolo — Brevemente «A Casa da Susana».

Variedades — A revista de grande sucesso «O Pó d'Arroz».

UMA NOVELA AVENTURAS COMPLETA

Uma novela "telegrama" que dava um romance

Novela cheia de interesse e arquitectura, dum novelista do Porto, premiado no nosso concurso. Formidavel caso em que um homem tem ligações com mãe e filha.

AINDA não ha muitos meses que alguns jornais de cá publicavam um telegrama bastante laconico, de Madrid, noticiando o casamento do importante capitalista lisbonense Zeferino Móta (chamêmos-lhe assim para não ferir susceptibilidades de familia) com uma formósa cançonetista (?) argentina, Angelita Ortis, que então fazia furôr em certo café madrilêno.

Este telegrama passou naturalmente despercebido a muita gente de Lisboa, onde, no entanto, Zeferino éra bastante conhecido como director de varias companhias e emprezas, mais ou menos prósperas.

Outro tanto, porem, não podia suceder, e não sucedeu, com a formosura de Angelita, que não pouco foi admirada na nossa capital, em cujas avenidas novas era a sumptuosa residencia do Zeferino.

Deste, todos se lembram perfeitamente. Pois se ainda outro dia o viram passar no seu magnifico «Peugeot», com os seus cincoenta e tantos bem conservados, o enorme charuto na boca, orquidea exótica na botoeira e a não menos exotica formosura de sua joven esposa, ao lado!...

Mesmo, não era uma vulgar ave de arribação o nosso Zeferino. No — falecido regime, — seguira a carreira diplomatica, tendo prestado apreciaveis serviços em varias capitais estrangeiras, tanto da America como da Europa.

Só em 1910, depois do 5 de Outubro, trocara a diplomacia pelos negocios, e tudo levava a crer que nada perdera com a troca.

* * *

Não deixou, portanto, de causar sensação a noticia seguinte, publicada por varios jornais, dois ou três meses apenas depois daquele telegrama:

«—Prostrado por uma bala no ouvido direito, foi encontrado esta manhã, no luxuôso gabinête de trabálho da sua residencia, o conhecido capitalista Zeferino Mota.

«O Doutôr X..., chamado a toda a pressa, pôde apenas verificar o obito. Varias versões ouvimos sobre a causa de tão extraordinario suicidio, que entendemos dever calar, por especial deferencia para com a familia do ilustre morto.»

Quasi todos os jornais se limitaram a isto, pouco mais ou menos, e facil nos foi verificar que o silencio que logo se fez sobre o caso fôra realmente motivado por um pedido da familia dorida.

Nada ha, no entanto, como um «arsinho de misterio» para aguçar o apetite de... saber!

Foi o que comigo se deu; mas, confesso-o francamente, não fui muito feliz!...

Com algum custo pude apenas saber, pela gente da casa, que nenhuma discussão perturbára jamais a harmonia daquele lar e que na vespera chegara inesperadamente a mãe de D. Angelita, que antes de com ela se avistar, e na sua ausencia, tivera longa e misteriosa conferencia com Zeferino.

A que proposito e donde viria aquela sogra, que antes ninguem vira e de cuja existencia mesmo ninguem da creadagem suspeitava?...

Ainda pude saber quem era e donde vinha, por mais tarde ter conseguido da creadita de quarto este cartão de visita, que ainda conservo:

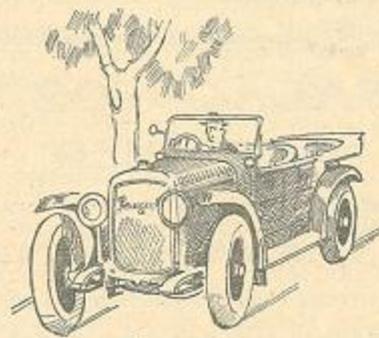
> D. ROSA PILCAMAYO Y ORTIS
>
> La Riója — Argentina

...e mais nada conseguiu a minha perspicacia!...

* * *

Ha coisa de quinze dias descia eu casualmente uma das avenidas novas, caminho da Fontes Pereira de Melo...

A minha curiosidade sempre álerta, de alfarrabista-amador, foi atraida para as janelas completamente abertas de um res-do-chão elegante, atravez das quaes se viam diversas estantes com livros e papelada varia, recentemente remexida e amontoada...

Dentro movia-se a mais heterogenea das concorrencias e na varanda do primeiro andar flutuava brandamente ao vento a bandeira encarnada de «LEILÃO».

...se ainda outro dia o viram passar no seu magnifico «Peugeot».

Não resisti, e voltando atraz, já ia a subir os primeiros degraus, quando reparei que era em casa do falecido Zeferino que entrava.

Ora esta!...

A galante viuvinha tinha retirado havia pouco, com sua mãe, para o estrangeiro, (?) deixando ao seu procurador o encargo de liquidar todos os seus haveres, incluindo palacete e recheio.

Percorri toda a casa, ouvi toda a sorte de disparates e comentarios a meia duzia de conhecidos, e já enervado com toda aquela onda de indiferentismo, desordenado e profanador, desci ao res-do-chão, onde no proprio gabinete em que se matára o Zeferino arrematei ao acaso, todos os livros e papeis, que vi ainda sobre a sua mesa de trabalho...

Paguei, dei a minha morada e sai.

* * *

No ultimo feriado, como chovia, fiquei-me em casa, e sem grande interesse folheava e lia alguns dos titulos das brochuras, que compõem o pequeno lote que arrematei no leilão...

O cabo de prata de uma pequena faca de cortar papel chamou a minha atenção de dentro de um dos volumes, o ultimo naturalmente que Zeferino lêra.

Enquanto examinava essa faca, a brochura, que pousara aberta sobre os joelhos, espapaçou-se no chão, espalhando um envelope e um papel azulado, dobrado em quatro...

O envelope continha o retrato de uma formosa mulher, tendo ao colo uma creancita de cerca de dois anos e a seguinte dedicatoria e data, escritas sobre a fotografia:

> A SU QUERIDO ZEFERINO
>
> B. Ayres, Set. 1904
>
> ROSA Y ANGELITA

e o papel dobrado era uma certidão de edade, passada em Buenos-Ayres, em Junho deste ano e referida a um individuo do sexo feminino, nascido ali no dia 4 de Setembro de 1902, filho de D. Zeferino Antonio Mota, funcionario do Consulado de Portugal, e de D. Rosa Pilcamayo y Ortis, natural de La Riója, Argentina, a quem o padre deu os santos oleos e baptisou solenemente, dando-lhe o nome de Angelita...

Prostrado por um tiro de revolver...

Porto, 1925.

M. K. (Assinante n.º 1)

O Concurso das Novelas Curtas

Pedimos a todos os premiados que nos enviem com urgencia as suas moradas, a fim de enviarmos os premios que estão em distribuição.

NOVELA IRONICA COMPLETA

Os dramas do cinema

Ironia e trocadilhes pegados. Uma «trouvaille» cheia de «verve». 10 minutos de leitura cheia!

ROGERIO Amado era um rapaz simpatico mas um nadinha exotico.

Fôra talhado para grandes paixões, para amores sempre fatais, em 4 actos e um prologo; era dado a grandes emprezas... de transportes amorosos inesperados e súbitos; cheio de impetos, de arrebatamentos. Era, emfim, um impulsivo.

Rogerio Amado nascera na Amadora e amava ha muito uma donzela que lhe havia convertido a alma em fogo... posto que o coração se mantivesse aparentemente calmo e tranquilo.

Tentára varias vezes comunicar com ela, mas a pequena (em tempos empregada dos telefones) não lhe ligára nenhuma. Ele, porem, explicava isto pela força do habito, e persistia. Assim, o pobre Rogerio, apesar de ser Amado, não tinha, de facto, a certeza de o ser.

Mas um dia ela partira a viajar, com um tio rico, e ele, que a amava cada vez mais, não tinha podido partir tambem e ficára atonito, na gare, porque não tinha com que pagar o bilhete

Rogerio rugia de desespero. Chegou a entrar numa casa de saude, onde adoeceu gravemente e, apezar de não ser nada calculista, começou a ter calculos no figado.

Rogerio tinha vivido sempre em casa dos esposos Pita, que ele julgava seus padrinhos e que sempre o tinham protegido e o tinham educado. Mas uma noite, após uma terrivel revolução domestica, o Pita desapareceu e o rapaz ficou a apitar.

Dias depois uma carta em que lhe revelávam o segredo do seu nascimento ia provocando o seu obito: ele era filho da Pita, da suposta madrinha, e soube então que era filho natural, o que aliás, é uma coisa naturalissima.

O pobre rapaz, cujo figado cada vez tinha mais calculos, ficou num estado de consternação incalculavel.

Mas a fatalidade tambem cança e pouco depois Rogerio teve uma grande alegria.

Um amigo que tinha encontrado lá fora a sua Carlota, anunciava-lhe o seu regresso num radiograma.

Ele ficou radiante. Lembrou-se logo duns versos que nesse mesmo dia lhe fizera e que insatisfeito amarfanhára, numa ansia de perfeição inatingivel.

E o que fez *primeiro* foi dirigir-se num *segundo* á Rua Ilha *Terceira*, subir ao *quarto* que tinha num *quinto* andar, ir ao *cesto* dos papeis e subir ao *setimo* ceu, ao ler deliciado aquelas *oitavas*, que *lhe* escrevera a *nove*, num *décimo* branco da loteria.

E na verdade justo era o destino que a tais versos tinha dado. Na dificuldade de arranjar rima p'ra Carlota, hesitando entre o prosaismo de bolota e de marmota, tinha irremediavelmente de dar bota.

Mas surgiu finalmente o dia desejado, chegou ela e chegou o amigo do radiograma. E tendo assim chegado novamente o sol ao seu coração, Rogerio tornou-se a sombra de Carlota e por vezes, quando a bolsa (muito anémica) soltava algum gemido mais plangente, a sombra do amigo que chegara e que não chegava agora para as encomendas.

Mas uma noite a fatalidade voltou.

A sombra de Carlota viu-a entrar para o balcão dum animatografo.

A sombra, isto é, Rogerio, sondou, inventariou todos os bolsos e apurou nove tostões.

Desesperado, teria cometido uma loucura, se o amigo que chegára ha tempos e que nesse momento chegava da baixa não tivesse chegado a tempo junto do infeliz.

Foi uma alegria, uma aleluia, uma resurreição.

Apodá-lo de anjo e pedir-lhe Cinco Escudos foi obra de 4 minutos.

Entrou portanto e poude então comtemplar aqueles olhos, que depois da longa ausencia lhe pareciam mais ternos, mais acolhedores. E por felicidade, podia firar junto desses olhos. Mas repentinamente, uma densa treva envolveu tudo. Rogerio, apanhádo de surpreza, ia sentar-se no colo dum garboso oficial de artilharia, quando amorosas mãos providencialmente o guiaram na treva, evitando essa desgraça.

Decorria uma fita, muitissimo dramatica, de alguns trinta kilometros á hora.

Parecia tratar-se dum rapto, porque um sujeito de certa idade procurava convencer uma donzela a penetrar num barco.

Era no tempo em que os films eram traduzidos na origem, trazendo por isso os disticos em dialecto bundo do mais correcto.

E lia-se esta frase altamente elucidativa:

«Afinalmente lá rapazinha no quizo entrare nela barca.»

O que em português vernaculo queria dizer, que a tal pequena não ia naquele bote.

Entretanto, nas regiões inferiores da 2.ª fila do balcão um pésinho bem calçado avançára cautelosamente ao encontro doutro, que estacionava, tremulo, a distancia.

O pé visado teve um estremecimento de emoção; todo ele se ruborisou dentro do envolucro de vitela que o continha.

O pé provocado era o de Rogerio, que nesse momento, adquirindo a certeza de que era amado de facto e de apelido e sentindo que a entrega daquele pé significava que em breve poderia possuir a mão e todos os orgãos adjacentes da sua proprietaria, se decidiu.

E pegando num lapis, desdobrou o programa e escreveu numa das folhas esta declaração, breve mas eloquente, talvez rude mas sincera, que era afinal a sintese dos seus sentimentos e não podia portanto deixar a joven insensivel:

Amo-a loucamente, sou pelo seu amor
um louco, um revolucionario. Fui ao Registo
Civil, juro. Tenho andado a pedir o seu olhar como uma
esmola. Tenho estado preso dos seus olhos
mas creia que me posso casar, a minha situação
é boa, ganho agora vinte escudos e cincoenta
Centavos por dia. Dê-me uma esperança e [illegible]
beijo. Irei logo pedir a sua mão, arranjarei casa, o papel
e o resto

Rogério

Depois dobrou o programa e esperou o momento oportuno.

A fita continuava a correr e um dístico elucidava:

«Jozeline como ele nau venisse si foy au Conde Ricardo.»

Então Rogerio decidiu-se; com mão tremula segurou o programa e voltou-se resoluto.

Mas uma velhota que estava na fila de traz, tão interessada com o drama do écran, como indiferente com o que se estava desenrolando no coração de Rogerio, conteve-o com estas palavras de suplicante ansiedade:

—Onde foi a Jozeline que não tive tempo de ler?

—Foi ao Conde, minha senhora.

E novamente decidido, rasgou ao programa a metade inutil e entregou a Carlota aquela que continha a sua apaixonada declaração.

E ergueu-se impressionado: atravessou a fila, pisou todos os calos que tiveram a triste ideia de se atravessar no seu caminho e saiu palido, visivelmente comovido.

Esperou, nervoso, largo tempo. O seu coração batia o compasso das grandes comoções.

O espectaculo devia estar prestes a terminar.

Para matar o tempo desdobrou o resto do programa com que ficára, mas ao olhá-lo estremeceu; reparou então, n'um calafrio, que a maior parte das suas palavras e dos seus mais ardentes sentimentos tinham afinal vindo comsigo.

... e ao passar perto de Rogerio, desalentado e aturdido, atirou-lhe aos pés a declaração que ele lhe dera.

Ao rasgá-lo nas trevas, rasgára tambem grande parte da sua apaixonada confissão.

E o que teria ela pensado, ao ver frases truncadas, ôcas de sentido; palavras soltas e sem nexo.

Louco, fóra de si, ia correr, desfazer o engano, completar a sua declaração, explicar o sucedido, mas já Carlota, altiva e arrogante, saía pelo braço do tio e ao passar perto de Rogerio, desalentado e aturdido, atirou-lhe aos pés com desprezo, amarfanháda, a declaração que ele lhe dera.

Então Rogerio, perdido, louco, palido e louro, muito louro e frio, apanhou o papel sinistro e leu atonito e quasi desfalecido, esta enormidade que o acaso, o destino e a sua pouca sorte haviam arquitectado:

Amo-a loucamente, sou
um louco, um revolucionario
Civil, juro. Tenho andado a pedir
esmola. Tenho estado preso
Mas creia que me posso casar,
é boa, ganho agora vinte
Centavos por dia. Dê-me um
beijo. Irei logo pedir a sua mão
e o resto

Rogério

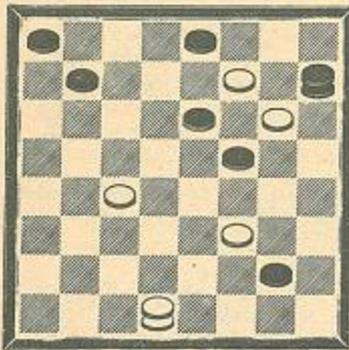
AUGUSTO CUNHA

Varia

solução do problema n.º 76

	Brancas	Pretas
1	19-24	20-27
2	6-10	11-20
3	10-15	4-18
4	13-17	22-13
5	3-7	31-22
6	2-6	20-2-9
7	5-14-23-32 (D) Ganha	

PROBLEMA N.º 77

Pretas 1 D e 6 p.

Brancas 1 D e 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 75 os srs: Alvaro dos Santos, Armando Machado, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Maximo Jordão, Rócóhó (Coimbra), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo conhecido amador «Neulame».

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviada para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

GRAFOLOGIA

Devido a encontrar-se doente a nossa querida colaboradora *Dama Errante*, não publicamos ainda neste numero a secção de grafologia.

Cantinho dos nossos leitores

Chamamos a atenção dos nossos leitores para os «Conselhos ao Provinciano». Nesta secção, alem desses conselhos, inserimos a colaboração que os nossos leitores nos queiram enviar, desde que tenha um interesse geral.

N.º 11 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES

ORDIGUES (Da T. E.)

11 JULHO 1926

Apuramento do n.º 7 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

VASCO H. DIAS

N.º 6 — 3 votos

N.º	Nome	Votos
2, »	LORD DA NOZES	2 votos
4, »	DR. DA MULA RUÇA	2 »
5, »	BAGULHO	2 »
1, »	AVIEIRA	1 »
8, »	AULEDO	» »
7, »	VISCONDE DA RELVA	» »
11, »	LOHENGRIN	» »
14, »	ORDIGUES	» »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

MAMEGO, MARIANITA, DAMA NEGRA, D. SIMPATICO, D. GALENO, AULEDO, LORD DÁ NOZES, DR. DA MULA RUÇA,

Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

JUFENE E LOURENIFF, PIRICÁTA, VISCONDE DA RELVA, (9); DROPE, (8); TROUPE CARCÉ; (8); VIRIATO SIMÕES, (7)

OUTROS DECIFRADORES

MIEL, (5); BAGULHO, (1)

DECIFRAÇÕES

1—*Capitão*, 2—*Seneca*, 3 Lerdo, 4—*Severo*, 5—*Mira-olho*, 6—*ARDENTE*, 7—*Fuza o-ão*, 8—*Chona*, 9—Ocarina, 10—Fachada, 11—*Formoso*, 12—Caruca, 13—Cretona, 14—Desidioso.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 14 de ORDIGUES, com 8 decifradores.

DEDICATORIAS

BAGULHO, D. SIMPATICO E LORD DÁ NOZES decifraram o que lhes era dedicado.

SORTEIO DA CHARADA A PREMIO

Em virtude de não estarem incluidos na lista dos decifradores da charada a premio, os nossos presados confrades «D. Simpatico e D. Galeno, o que só por lapso aconteceu, visto os ditos confrades terem enviado as decifrações dentro do prazo legal, fica o sorteio transferido para a loteria do dia 17 do corrente, cabendo a cada decifrador pela ordem porque vão abaixo designados, 950 numeros.

AULEDO, BAGULHO, DAMA NEGRA, D. GALENO, DR. DÁ MULA RUÇA, D SIMPATICO, KURITSA, LORD DÁ NOZES, MAMEGO e MARIANITA.

Que nos desculpem todos os interessados, e em especial os confrades «D. Simpatico» e «D. Galeno» pela involuntaria omissão.

LOGOGRIFO

(Aos confrades que abaixo vão citados)

1

Puz um plano na memoria
pr'a formar um ministerio,
que ficará como historia
dum fantastico misterio

«Jofralo» doutor da *lei*,—1—2—3—4
rapaz astuto e valente,
passa a ser eu vos direi,—
simplesmente o presidente.

«Camarão» de *garbo* exotico,—7—9—5—9
(isto não é caso vario,
com um pouco de narcotico
ficará p'ra secretario.

E num *gesto* de graçola—3—6—4—2
sem aspereza ou rompante,
«D. Vasco» que é um rapazola
tem o quinhão de ajudante.

E tendo lirio por *lirio*—5—8—5—8—4
colhido como vereis,
«Dr. Fantasma» no empireo
mostra a *sciencia das leis*.

Dafundo — D. SIMPATICO

CHARADAS EM VERSO

(Á familia que me inspirou)

2

O Papá, luctador incansavel,
sorridente trabalha na lida,
para vêr a familia saudavel
dedicava-lhe a misera vida.

A Mamã carinhosa contente
na tarefa caseira trabalha,
como todas as mães—paciente—
suportando dos filhos, a gralha.

A mais velha das filhas «Amparo»
de seus pais estimada e querida
Tem um rosto *aprasivel* e raro—2
como a rosa mais bela e garrida.

A segunda das filhas, a «Aurelia»,
tambem é sedutora e galante
tentadora como uma camelia,
uma *alma* bondosa e amante.—2

«Henriqueta» a mais nova das tres,
coração elevado e bondoso
de bom porte elegante e cortês
rosto meigo gentil e *formoso*.

Lisboa — LORD DÁ NOZES

3

Disse-me a tia a chorar
e *com* certa intimação,—1
que não fosse ao *alto* mar—2
na pequena *embarcação*.

Lisboa — AFRICANO

4

[illegible]
na «*povoação*» da Guiné,—1
é um soberbo petisco
quando não haja banzé!...

Havendo porem balburdia,
por causa da petisqueira,
começam os comilões
numa grande *choradeira*.

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

ENIGMA

5

Ela: é um sino,
Ele: extensão,
e aumentando
marmore verão.

TROUPE CARCEI

CHARADAS EM FRASE

[Ao Ruyto]

6 Covardia! Matar um *insecto*, quando ele não *oferece* resistencia! Não haver uma *medida* de repressão. 2—1

Lisboa — LOLITA DOS CALDOS

7 Qual o *motivo*, porque atravessou a *paliçada* com um *casaco de peles*?—1—2

Lisboa — AVIEIRA

8 Não me *comove* o *pesar* do *hipocrita*.—2—1

Lisboa — BAGULHO

9 A *feiticeira* diz, que nós aqui em «*Lisboa*, temos uma grande *astucia*.—2—3

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

10 O seu *proveito* é *egual* ao dos *filhos*.—1—1.

Lisbôa — CALTAR

11 Na *retaguarda*, *seguia* um homem com uma *pequena lança*.—2—2

Lisboa — MIEL

12 Foi quando estava a *maré cheia*, que me disseram têr *nascido* o homem que mais tarde, só havia de comer arroz *descascado*.—2—2

Lisboa — DROPÉ

CORREIO

MARIANITA.—E' bom que V. Ex.ª nos envie juntamente com as listas, algumas produções, porque as que mandou já se esgotaram.

D. GALENO.—A ultima produção que enviou, não traz a solução, mas pela que eu lhe atribui, a segunda parcial precisa ser alterada, porque está no masculino quando a decifração é no feminino; portanto espero que o ilustre confrade diga da sua justiça.

HENRICO,—Recebi as suas produções a que não posso dar saida. A charada em frase não se verifica o conceito onde mandou dizer, nem em outros livros que possuo; o logogrifo não está conforme com o regulamento publicado no numero 62.

Seria bom que o ilustre confrade se dignasse lêr o referido regulamento, e introduzi-se no logogrifo as alterações necessarias.

O que foi publicado no numero 9, 1.ª serie foi por lapso.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

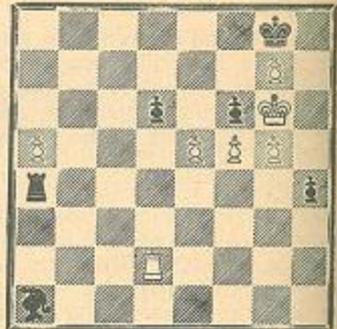
Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq. - Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 77

Por L. N. de Jong

Pretas (6)

(Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 75

1 D. 3 B, R. 4 R; 2 D × P +
C. 4 B, 2 D 3 B +
C. 5 R × P, 2 D × C +
outros ; 2 D. 3 R +

O interesse do problema é mostrar como o R. branco, encobrindo uma triplice bateria, pode descobrir sobre o seu rival a acção dos elementos dessa bateria nas suas tres direcções diferentes; o triplice sacrificio de D. é classico nos problemas da velha escola alemã.

Resolveram os srs. Nunes Cardoso; Rôcôhô, Coimbra, Vicente Mendonça; Club Portuense, Porto, e Maximo Jordão.

Pergunta enigmatica n.º 1

1 P. 4 D; 2 D. 3 D; 3 D. 3 T R; 4 D × B mate

Resolveu o Club Portuense, Porto.

VARIA

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas. O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Menina Xó, Spartanus, Nónó, Rócóhó, Doentio, Dois principiantes, Anledo.

DECIFRAÇÕES DO N.º 76

HORIZONTAIS—1 vau, 12 Rua, 14 ria, 17 cnie, 23 mó, 26 Diú, 30 sim, 33 camas, 37 pua, 41 laivo, 43 lã, 44 arminho, 45 vem, 46 ir, 47 aeres, 48 má, 49 lam, 50 birra, 51 bomba 52 carda, 53 me, 54 sarna, 55 ião, 56 ala, 57 sitio, 58 dera, 59 repus, 60 voar, 61 cvo, 62 sovar, 63 ira, 64 rã, 65 siler, 66 A. D., 67 ramos, 68 Marão, 69 Saber, 70 lar, 71 rei, 72 rei, 73 aro, 74 marreco, 75 par.

VERTICAIS—1 vil, 2 ar, 3 Ra, 4 mel, 5 iras, 6 nem, 7 Ha!, 8 em, 9 mar, 10 muros, 11 miudo, 12 rir, 13 armas, 14 raras, 15 ála, 16 abrir, 17 cai, 18 Amadora, 19 antes, 20 tourada, 21 eleva, 22 aipós, 23 miará, 24 aro, 25 ouvir, 26 doi, 27 salas, 28 limar, 29 remar, 30 sarar, 31 mão, 32 Róber, 33 cal, 34 sei, 35 ruir, 36 Ema, 37 par, 38 ave, 39 lar, 40 ir, 41 la, 42 oc, 43 lá.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilustre colaborador NÓNÓ.

HORIZONTAIS—1 peças de vestuario (fem.), 2 alteração, 3 planta, 4 duas letras duma interjeição que exprime admiração, 5 substancia organica, 6 nota de musica, 7 assim, 8 circo, 9 gracejar, 10 fileiras, 11 nome de mulher, 12 principio, 13 algoz, 14 barco, 15 planta, 16 tornar a pôr, 17 passatempo, 18 atendia, 19 pequeno, 20 oceano, 21 cure, 22 três letras de utopia, 23 margens, 24 grande quantidade, 25 pêna, 26 monlões, 27 conjunção, 28 vila portuguesa, 29 calma, 30 terreno fertil.

VERTICAIS—2 paiz da Asia, 6 arvores de fruto, 9 tornar novo, 12 grosseiro, 14 região eterea, 17 cumprimento, 20 acariciar, 23 taberna, 26 oxido de calcio, 28 nota musical, 31 eia, 32 três letras de deficit, 33 canção, 34 por cima de, 35 covado de três palmos, 36 corrôa, 37 seguia, 38 divindades (fab.), 39 nata, 40 regua para medir pipas, 41 fibra, 42 disfarçarão, 43 sala grande, 44 origem, 45 perfeito, 46 da natureza do ar, 47 osso, 48 exportação, 49 sádias, 50 gemido triste e doloroso.

CORREIO

SPARTANUS.—Tem qualidades muito aproveitaveis; portanto pode e deve continuar.

Barreira de sombra
(crónicas tauromáquicas)

CAMPO PEQUENO

O cavaleiro Antonio Luiz Lopes não foi feliz na sua festa artistica. A concorrencia não chegou a ocupar meia casa, e os touros, de má qualidade, não permitiram que os lidadores pudessem brilhar, tendo apenas conquistado uma grande ovação, seguida de chamada especial ao cavaleiro José Tanganho, que se apresentou bem montado e farpeou com alma o touro mais geitoso; se bem que saltador em demasia, como todos os sete restantes.

Simão da Veiga Junior diligenciou agradar, e o festejado farpeou com muita arte os dois touros que lhe couberam, merecendo o seu bom trabalho uma vibrante ovação.

Os espadas Emilio Mendez e Lalanda não conseguiram evidenciar-se e do restante pessoal artistico houve apenas de interesse duas pegas rijissimas de Manuel Burrico e Carraça. Agora, vamos á alternativa de Mario Lopes.

Nunca a minha pena vacilou quando ao criticar com justiça, como sempre é minha norma, eu tenha que fazer afirmações, ainda que desagradaveis aos alvejados. Por desnecessario, jamais fiz referencia em desabono ao grande ex-amador Mario Lopes, em quem tenho notado conhecimentos de toureio, valentia e sobretudo muita vontade de fazer mais e muito mais em prol da arte de tourear, a mais dificil e espinhosa que houve em todos os tempos.

O simpatico amador que no domingo passou á categoria de profissional não correspondeu no que fez, nesta corrida, ao seu valor, consentindo que recol'esse ao touril uma rez sem levar no cachaço um unico ferro!

Por muito dificil que se torne lidar um touro de má qualidade, não ha razão nem faltam variantes nas regras do toureio para essa rêz deixar de receber um ferro que seja, porque, desde a sorte mais adversa— «o sesgo»—até ao simples «bcrnal», existem bastantes fórmas de banuarilhar que podem ser aplicadas, segundo as exigencias que o touro requeira.

Essas sortes, que Mario Lopes não desconhece, são: «Sesgo», «Cambio» ou «Quiebro», «Topa-carneiro», «Quarteio», «Meia-volta», «Galeando», «Recorte», «Relance» e o vulgarissimo «Bornal» ou «Sobaquillo», ao alcance de todas as competencias...

Não sei se Mario Lopes as istiu a corridas em que o fenomenal «Guerrita» arrebatava as multidões bandarilhando touro. de pessima qualidade, nos quais o grande mestre sempre triunfava; se não o viu, foi pena.

Portanto, não tenho duvida em afirmar que o novel toureiro, atendendo ás grandes faculdades que possui, não cravou ferros porque não quiz. E' só isto.

ZÉPÊDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para—José Casimiro d'Almeida
2.º » » —Espada
3.º » » —Manuel Casimiro
4.º » » —Espada

INTERVALO

5.º touro para—José Casimiro Junior
6.º » » —Espada
7.º » » —José Casimiro d'Almeida
8.º » » —Espada

* * *

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

O cantinho dos nossos leitores

CONSELHOS AO PROVINCIANO

Longe do reclame vulgar, vamos ocupar estas linhas indicando, especialmente ao leitor da provincia que pense em vir a Lisboa, alguns pequenos conhecimentos que a nossa experiencia de lisboetas lhe pode fornecer.

O primeiro problema é o Hotel. Em Lisboa ha muitos e maus. Ao homem da montanha que queira gosar em Lisboa uma boa situação de vista e de comodidade, sem gastos exagerados, indicar-lhe-hemos a *Pensão Moderna*, no topo de S. Pedro de Alcantara, donde desfruta uma vista magnifica. Acresce que a casa é um verdadeiro solar de comodidade.

Mais abaixo, o Bristol é um hotel do mesmo genero, mais luxuoso, onde se está tranquilamente, no centro da cidade.

Quem desejar sentir a vida cosmopolita dos grandes centros tem em Lisboa o Avenida Palace, que é o primeiro hotel.

Em frente, o Hotel de Inglaterra, por preços mais acessiveis, dar-vos-ha o mesmo local. Para pessoas que apenas desejam um hotel de boa categoria, onde se passe bem, e não desejam pagar o luxo dos aposentos sumptuosos, recomendamos-lhe o Francfort do Rossio, o Metropole e o Europa, todos eles de Alexandre de Almeida, o que tanto é garantia do excelente serviço de 1.ª ordem que ali é fornecido. São estes os hoteis do alto comercio, dos desportistas de categoria, dos bons artistas estrangeiros, etc. Ha ali a certeza de encontrar sempre boa gente. Dentre os hoteis chamados «tradicionalistas» ocupa o primeiro lugar o aristocratico hotel Borges, com o seu ar acolhedor unico e português, representante hoje dos hoteis do tipo do Bragança, do Central, e de outras famosas casas.

Dentre as boas casas com fama e com merito que ha em Lisboa, é justo ainda referir o Francfort de Santa Justa, o antigo hotel, hoje cheio de confortos modernos e instalado no coração da Baixa, cerca dos ministerios e da intensa vida comercial; o Duas Nações, hotel consagrado e com enorme clientela na provincia, que o prefere pelo tratamento realmente excelente que fornece aos seus hospedes.

No proximo numero trataremos o capitulo sempre saboroso dos restaurantes e das pastelarias...

LISBOETA ANTIGO

Actualidades gráficas

A DIPLOMACIA

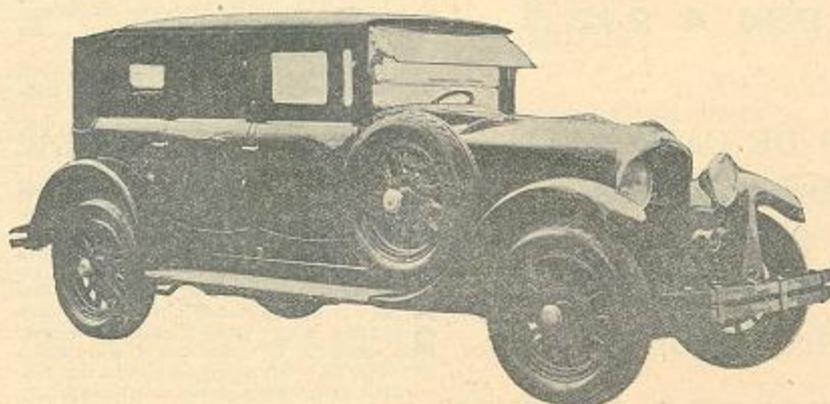
Dr. Afonso Costa, politico de grande nome que acaba de ser demitido do seu cargo de delegado á Sociedade das Nações, com honras de embaixador.

UM GRANDE NADADOR

Fernando do Amaral Menezes, que fez a travessia do Tejo, do Barreiro a Alcantara, a nado, arrojando-se ao rio com uma audacia enorme, visto que nadou mais duma hora inteiramente desacompanhado. Lamentamos que as entidades e jornais sportivos não tenham dado o devido realce a esta prova excepcional, levada a efeito por um individuo muito modesto e fóra de todos os clubs.

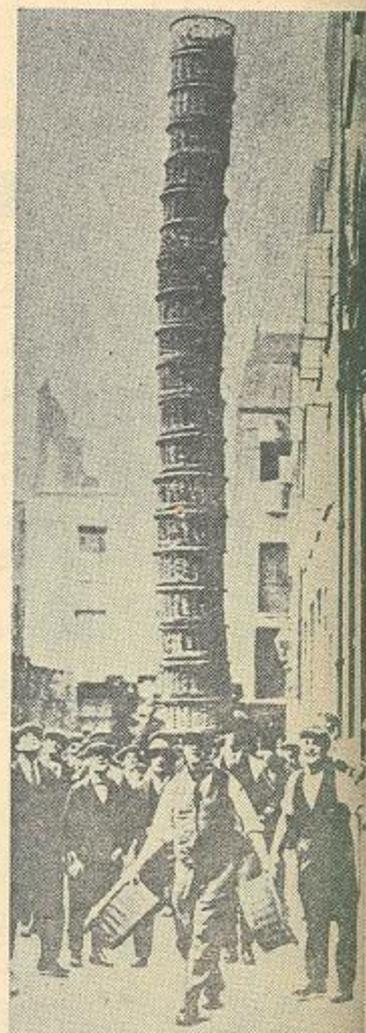
ASSISTENCIA ELEGANTE NO CONCURSO HIPICO DE PALHAVÃ

A antiga e ilustre artista espanhola Conchita Ulia, e sua irmã, hoje senhoras da alta sociedade portuguesa, na elegante assistencia das tardes de Palhavã.

UM MONUMENTO DE ARTE MODERNA FRANCESA

O formidavel carro com que as fabricas «Peugot» acabam de bater um grande «record» e obter o primeiro grande premio em Spa

NO TEATRO

O grande actor Alexandre de Azevedo, figura de enorme realce no nosso teatro, a quem foi cedido o Teatro Nacional, para nele fazer uma curta epoca.

UM ORIGINAL CONCURSO EM LONDRES

O campeão de transporte de canastras de peixe, em Covent-Garden, atravessa a rua com esta enorme torre á cabeça.

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

E NA ESTAÇÃO DO ROSSIO

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «*LINFATINA*»—*Nobre Sobrinho.*

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.ª Ltd.

45, Rua de Santa Justa, ?.º
LISBOA

META

Combustivel
Solido — Ideal
Inalteravel
Inofensivo
Comodo e Limpo
Arde
como o Alcool

Lamparina META

Chegada a epoca de veranear, toda a pessoa pratica deve adquirir um aparelho META, pois com ele pod durante a viagem e no Hotel proporcionar-se um alimento quente, fazer chá, café, etc.

META é um companheiro imprescindivel. Use o combustivel META nos nossos aparelhos META, portateis, que fabricamos e temos de todas as formas e para todos os usos.

A' venda nas: Drogarias, Farmacias, Loja de Utilidades, Ferragens, etc.

CONCESSIONARIA PARA PORTUGAL E COLONIAS

Sociedade Meta, L.da

Telef. T. 300 — RUA DA EMENDA, 100

A ELEGANTE

CHAPEUS MODELOS

PARA

SENHORA E CREANÇA

O QUE HA DE MAIS CHIC

(Inscrita no reclame americano)

39, Rua da Palma, 41 — LISBOA

A Fotografia Brazil

: EXPÕE PRESENTEMENTE OS : MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE : SE EXECUTAM EM LISBOA :

R. da Escola Politecnica, 141

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos

O CEGO DA BOA-VISTA

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

MOTORES

A GAZ E OLEOS PESADOS

Locomoveis

DEBULHADORAS
CAMINHEIRAS
MAQUINAS PARA A AGRICULTURA E INDUSTRIAS

Duarte Ferreira & F.os

Tramagal e

LISBOA—Avenida Presidente Wilson, 17 a 25

LOPES & CABRAL

Casa especialisada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.
Tudo de primeira qualidade.
Preços de actualidade.

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181

LISBOA

TELEFONE 142 N.

VESTIR COM GOSTO E ELEGANCIA SÓ NO ATELIER DE

Cecilia Fernandes

PREÇOS OS MAIS ECONOMICOS

Em breve Exposição de Modelos

Rua dos Retrozeiros, 85, 3.º—LISBOA

CARDOSO

134 RUA DA PRATA, 136

LISBOA

OS MAIS CHICS CHAPEUS

MODELOS PARA VERÃO

ESPECIALIDADE E VARIADO SORTIDO EM CHAPEUS DE LUTO

PREÇOS MODISCO

Nova Sapataria da Moda

GRAND PRIX—RIO DE JANEIRO DE 1908
MEDALHA D'OURO—S. LUIZ 1904

Grande sortimento em calçado em todos os generos.

Especialidade em calçado de luxo pelos ultimos modelos.

VICTOR GOMES & PEDROSO

Exportação para a Africa e Brazil

PREÇOS RESUMIDOS

102, R. Augusta, 108
61, R. de S. Nicolau, 65
LISBOA

FILIAL NO PORTO—R. Sá da Bandeira, 231

TELEFONE C. 1444

Não se toma a responsabilidade do calçado concertado em atrazo por mais de 3 mezes.

PRECISAIS DE DINHEIRO?

Na *A IDEAL, L.DA*

empresta-se, a juro modico, sobre tudo que ofereça garantia.

RUA DA ASSUMPÇÃO, 88, 1.º

Telefone N. 5180

CABELEIREIRO DO ROCIO

Corte de cabelo a senhoras e creanças (a 5$00), ondulação Marcel, aplicação de Hemné desde 30$00 por mademoiselle Gomes, massagista, manicure e pedicure.

TELEFONE 5275 N.TE

ROCIO, 93, 2.º (Ascensor)

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.